

**DEPARTAMENTO DA ÁREA DE SERVIÇOS
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

HERMES ALVES DA COSTA

**COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA RIO:
HOSPITALIDADE NO CONTEXTO TURÍSTICO**

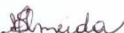
**CUIABÁ-MT
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO**COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA RIO: HOSPITALIDADE NO CONTEXTO
TURÍSTICO**

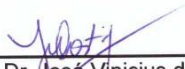
Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá - como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Paula Bistaffa de Monlevade
(Orientadora – IFMT)



Profa. Ma. Marcela de Almeida Silva
(Examinadora Interna – IFMT)



Prof. Dr. José Vinicius da Costa Filho
(Examinador Interno - IFMT)

Data: 30/07/2019

Resultado: *Aprovado*

COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA RIO: HOSPITALIDADE NO CONTEXTO TURÍSTICO

COSTA, Hermes Alves da¹

Orientadora: Prof^ª. Dra. MONLEVADE, Ana Paula Bistaffa de.²

Resumo

O presente artigo aborda as diferentes formas de acolhimentos na Comunidade São Gonçalo Beira Rio em relação ao turismo, influenciada por questões culturais, socioeconômicas e religiosas presentes na comunidade no seu contexto hereditário. Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar a hospitalidade na Comunidade São Gonçalo Beira Rio, abordando também a importância do local e o seu significado no contexto histórico-regional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a entrevista com roteiro estruturado como instrumento de coleta de dados e observação não-participante. Com isso, foi possível compreender que a prática da hospitalidade em São Gonçalo Beira Rio ainda encontra-se no nível doméstico, dada a ineficiência de ações públicas relevantes e em fatores que independem somente da comunidade para o bom acolhimento, como por exemplo, o fato de não existirem profissionais bilíngues no local. Presumimos que tais conhecimentos serão úteis para a comunidade e com perspectivas de sensibilização por parte dos poderes constituídos proporcionando melhorias para os moradores e para os turistas/visitantes.

Palavras-chave: Hospitalidade. Turismo. Comunidade São Gonçalo Beira Rio.

Resumen

Este artículo analiza las diferentes formas de acogida en la comunidad de São Gonçalo Beira Río en relación con el turismo, influenciado por cuestiones culturales, socioeconómicas y religiosas, presentes en la comunidad en su contexto hereditario. Por lo tanto, esta investigación tiene como objetivo analizar la hospitalidad en la comunidad de São Gonçalo Beira Río y también la importancia del lugar y su significado en el contexto histórico-regional. Esta es una investigación cualitativa que utilizó la entrevista con guión estructurado como una herramienta para la recopilación de datos y la observación no participante. De esta manera, fue posible entender que la práctica de la hospitalidad en San Gonzalo Beira Rio todavía está a nivel doméstico, dada la ineficacia de las acciones públicas correspondientes y en factores que no dependen solo de la comunidad para la buena acogida, por ejemplo, el hecho de no existir profesionales bilingües en el sitio. Suponemos que dichos conocimientos serán útiles para la comunidad y con perspectivas de aumentar la conciencia de los poderes constituidos al proporcionar mejoras para los residentes y turistas / visitantes.

Palabras clave: Hospitalidad. Turismo Comunidad de São Gonçalo Beira Rio.

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá. hermescosta534@gmail.com

² Professora Orientadora. Doutora em Educação e Docente do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá do Curso de Bacharelado em Turismo. ana.monlevade@cba.ifmt.edu.br

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade econômica que consiste na utilização de uma região que possui aspectos relevantes, sejam eles naturais, histórico-culturais ou geográficos. Ao visitar um destino o turista se depara com pessoas que trabalham para melhor atendê-lo, tentando lhe proporcionar satisfação, para que ele volte ao local mais vezes. Com isso, cada vez mais se observa a necessidade de se adequar os destinos aos diversos tipos de atividades turísticas desenvolvidas, tendo como foco não só o lado econômico, mas o benefício de todos, com a preservação da cultura e do meio ambiente local, compreendendo suas fragilidades e peculiaridades, adaptando-as dentro das possibilidades de desdobramentos em várias atividades (ZAMIGNAN & SAMPAIO, 2010).

Nesse sentido apresenta-se a hospitalidade na Comunidade São Gonçalo Beira Rio como forma de bem receber e acolher o turista/visitante. Segundo Grinover (2002), em se tratando de hospitalidade, ela envolve trocas, encontros, o ato do ir, do vir, o receber, [...] é o respeito entre as pessoas como indivíduos diferentes e pertencentes a um local. Evidentemente que não vivemos num mundo totalmente pacífico, onde são muitas as desigualdades e sofrimentos, mas a hospitalidade está ligada ao ser humano, seja por origem cultural ou espiritual, basta que cada um, no seu resgate individual, proporcione algo melhor para o outro, o tornando feliz e satisfeito. A partir da hospitalidade é possível compreender a história dos homens, dos seus encontros e reencontros, de seus diálogos e de tudo que eles criaram, além de tratar da arte de receber e da compreensão do fenômeno turístico da atualidade.

Já segundo Castelli (2010), a hospitalidade envolve um fenômeno complexo e deve ser olhada de maneira interdisciplinar que desafia cada vez mais todas as partes envolvidas com a atividade turística. É um trabalho que se situa no caminho do concreto e do abstrato e assim, torna-se exposta a críticas de todos os lados, mas é uma ação primordial na atividade turística com características que permitem aos indivíduos de diferentes lugares se relacionarem socialmente, possuindo dessa forma um caráter coletivo.

Todavia, quanto mais pessoas viajam, maior é a preocupação em recebê-las adequadamente nos seus destinos turísticos. Por isso, o turismo e a hospitalidade caminham juntos, pois quando se fala em turismo, pensa-se em acolhida e, sem uma boa receptividade, não existe turista completamente satisfeito (CASTELLI, 2010). Portanto, a satisfação do viajante está diretamente ligada à hospitalidade que lhe é ofertada.

Desta forma, os moradores locais também são responsáveis pelo bom atendimento do turista, pois acabam tendo contato direto com os visitantes e dispõem do seu espaço para

observação e fluidez do turista. Neste sentido encontra-se a Comunidade São Gonçalo Beira Rio, lugar histórico, repleto de tradições e conhecido popularmente por ser um local de pessoas que demonstram hospitalidade nas suas formas de bem receber. São Gonçalo foi o primeiro local fundado pelos Bandeirantes, à margem esquerda do Rio Cuiabá, quando aqui chegaram em 1717. É constituída por artesãos, agricultores (hoje em quantidade bem reduzida) e pelos pescadores que foram criando cada um ao seu modo, as inúmeras peixarias que se têm atualmente, transformadas em um dos principais roteiros gastronômicos da nossa região.

Já as festas religiosas são consideradas outro ponto positivo da localidade. As danças com suas rimas e músicas, a cerâmica, o uso de plantas medicinais, a canoa feita do tronco da árvore, as benzedeadas, dentre outros aspectos culturais que são tradições herdadas e mantidas até os dias atuais na comunidade, ou seja, eram costumes dos primeiros habitantes.

Nesta perspectiva, a proposta deste trabalho buscou analisar a hospitalidade na Comunidade São Gonçalo Beira Rio, descrevendo os atrativos turísticos históricos/culturais/naturais da Comunidade e buscando a compreensão sob o olhar dos moradores, comerciantes e turistas/visitantes, de como entendem a hospitalidade no contexto turístico e sua importância para o local.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com descrição da Comunidade São Gonçalo Beira Rio relacionado com a questão da hospitalidade, contato direto com as pessoas envolvidas e com a problemática, respeitando ao máximo as características dos investigados, entendendo e compreendendo-os no seu modo informal. Segundo Gerhard; Silveira (2009), os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, descrevendo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem a prova dos fatos, pois os dados analisados não são métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

É também um estudo complementado com fontes bibliográficas de autores relacionados com a causa específica do trabalho e também segundo Gil (2002, p. 41) pode ser considerado uma pesquisa exploratória por “proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que esta pesquisa é o aprimoramento de ideias [...]”.

Com isso, a coleta de dados foi realizada através da observação não-participante que segundo Marconi; Lakatos (2009, p. 195):

[...] nesse tipo de técnica o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presença o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado.

Desta forma, o pesquisador visitou a Comunidade de São Gonçalo Beira Rio diversas vezes, buscando em cada uma delas observar o dia a dia da comunidade, a forma como atuam na atividade turística e como procuram receber os turistas/visitantes que lá chegam. Além disso, ainda fez um levantamento das peixarias e demais atrações do local para a montagem da representação gráfica turística da comunidade que está disponibilizada no item 2.1.3 do presente trabalho.

Todavia, a coleta de dados foi complementada com entrevistas estruturadas (apêndice), em que as questões foram direcionadas e previamente estabelecidas. O roteiro contou com perguntas abertas que permitem ao entrevistado (moradores comerciantes e turistas/visitantes) responder livremente e perguntas de múltipla escolha que são questões fechadas, mas que apresentam algumas possíveis respostas abrangendo vários lados do mesmo assunto (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas com a autorização dos(as) participantes, porém os nomes de todos(as) foram preservados respeitando a solicitação de anonimato de cada um. Assim, após a realização das entrevistas, todas foram transcritas e tabuladas para então serem analisadas.

1.0 PRINCÍPIOS HISTÓRICOS DA HOSPITALIDADE

A palavra hospitalidade deriva do latim *hospitalitate* e, nada mais é do que a abertura ao acolhimento. A palavra sempre teve aspectos diversos ao longo da história humana, e significa o ato de hospedar, a qualidade de quem é hospitaleira, é a interação de seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação. É a forma espontânea do acolhimento afetuoso (BENI, 2001). Podemos dizer que foi na Antiguidade Clássica que as viagens começaram a se desenvolver e florescer, surgindo à hospitalidade entre as pessoas (REWSKI, 2002).

De acordo com Flandrin (1998), foi na Grécia Antiga que a hospitalidade atingiu seu apogeu por volta do ano 450 a.C., pois ocupava um lugar de destaque na hierarquia de valores da vida civilizada, materializando-se, sobremaneira nos banquetes, e era considerado um dever do Estado e de todos os cidadãos, inclusive a sua violação era tida como crime, existiam

até mesmo pessoas específicas para cuidar da questão. Ainda segundo o autor, os gregos tinham um verdadeiro culto pela hospitalidade, descrevendo até mesmo seus rituais, tais como: cerimônia de recepção, a refeição por ocasião da chegada, o banho dado pelos serviçais, às festas em honra ao visitante, à acomodação e os presentes na hora da partida. E era oferecida sem restrições, e indistintamente para qualquer visitante.

Segundo Seydoux (1983), o viajante ao chegar à Grécia era bem recebido dando-lhe de comer, beber, lavavam-lhes os pés, sem mesmo perguntar-lhe pelo nome ou motivo da viagem, e durante a sua permanência, passava a ser protegido pelo hospedeiro contra possíveis tentativas de agressão e injúria. De acordo com Castelli (2010), as primeiras noções de hospitalidade tiveram início nas eras primitivas da raça humana, que no passado remoto, com a falta de meios de conservação dos alimentos, necessitavam do consumo rápido, especialmente os animais abatidos, exigindo o seu compartilhamento com os demais. Franco (2001), também afirma que “a tendência” humana de compartilhar alimentos, teria originado quando o homem desenvolveu a capacidade de matar grandes animais.

De acordo com Paula (2002), pode-se retirar um valioso ensinamento sobre o tema da hospitalidade. Mesmo em épocas primitivas as pessoas já tinham a capacidade de se juntarem num abrigo e no ato de comer junto, ou seja, compartilhando os animais que abatiam e repartindo entre si, já associava princípios básicos da hospitalidade com a necessidade de se alimentar, gerando acima de tudo uma recompensa emocional que faz parte da condição humana. Ainda segundo a autora, o ato de comer e beber juntos, foram ocasiões na vida das comunidades que nutriam os corpos, as crenças e os valores integrando a hospitalidade na essência da condição humana.

O culto a hospitalidade fez com que cidades como Atenas e Corinto ficassem famosas pela boa acolhida que davam aos visitantes, sendo deste modo praticado em razão das interfaces que Peyer (1998) apontou, levavam ao convívio com outros grupos sociais locais. Todos os valores integrantes do modelo de vida civilizada dos gregos forjaram uma maneira de ser e de pensar da época, com reflexos em outras culturas, inclusive na cultura de muitos povos.

Montanari (1998), discorre que o conceito de hospitalidade adotado na atualidade está intimamente relacionado às ideias, as crenças e aos valores apregoados pelos cidadãos da Grécia Antiga em que não havia fins econômicos e era apenas uma atitude caridosa oferecida gratuitamente aos viajantes da época, mas também chama a atenção para outro aspecto importante do assunto, pois simultaneamente com o desenvolvimento da economia monetária expandia-se em todo o mundo grego um tipo de serviço de hospedagem profissional

remunerado, com as tabernas que vendiam carne assada, oferecendo também lugares para dormir.

Segundo Sparrowe (2003) o oriente tem marcado a história da humanidade pelo exemplo que tem dado em matéria de hospitalidade, o qual lembra um ditado tradicional que ilustra bem a devoção da hospitalidade ao dizer ‘Eu nunca sou um escravo, exceto para o meu hóspede’. Belchior e Poyares (1987), afirmam que em nenhuma outra região do mundo o culto da hospitalidade superou a do Oriente Médio, onde apesar da vida nômade de muitos povos, havia sempre uma tenda pronta para receber o estranho, sem que nem lhe perguntassem pelo nome.

Já um fato marcante na vida da humanidade e inusitado na história da hospitalidade, foi com relação ao nascimento de Cristo. Dada a sua importância, se transformou num marco temporal no contexto histórico dos povos e na dimensão do cristianismo. No entanto, contrapõe com os relatos e objetivos do caso em questão, ou seja, começa com um ato contrário aos princípios que pregavam dentro da hospitalidade, pois quando José com Maria em trabalho de parto buscavam alojamento na cidade de Belém da Judéia, ninguém os acolheu. Com isso, abrigaram-se num estábulo e lá, Maria deu a luz Jesus Cristo (BIBLIA SAGRADA: EVANGELHO DE LUCAS, Cap. 2; Ver. 4 a 7).

Já de acordo com Peyer (1998), o fato do homem se fixar em povoações, não supria a necessidade de continuar viajando, em especial para efetuar a troca dos seus produtos agrícolas e artesanais que foram surgindo. Esses intercâmbios consolidaram ainda mais os objetivos de acolher e hospedar bem os viajantes. Por essa razão, a hospitalidade passou a ser apreciada e glorificada, pela essência das suas necessidades de sobrevivência nas trocas dos produtos para a alimentação, ao mesmo tempo contribuía para fortalecer os laços entre os visitantes que já ocorria desde a pré-história, com variantes que deram lugar a diversas combinações.

No entanto, para Buzelli (2009) o objetivo do significado da hospitalidade, é também identificar algumas raízes ou iniciativas que de alguma forma materializam o seu conceito. Enfatizando que, segundo autor, nesse particular é essencial conhecer a evolução histórica das estruturas receptivas para dar-se exatamente conta de como e porque nasceram determinadas soluções.

Peyer (1998), afirma que no fim do século V, com as grandes invasões viajar tornou-se uma realidade para alguns poucos corajosos. Contudo, “a hospitalidade arcaica” recuperou a sua importância no fim da Idade Média, com a importância dos alojamentos oferecidos pelos mosteiros, principalmente para os peregrinos pobres e enfermos, mas nem sempre essas

acomodações eram suficientes para atender os que necessitavam. Contudo, foi entre os séculos XI e XIV que se registrou uma significativa mudança nessas formas tradicionais de alojamento, graças ao desenvolvimento da economia, fator impulsionado pelo grande comércio internacional, fazendo surgir em toda parte, nas cidades e ao longo das grandes vias de comunicação, um número cada vez maior de tabernas, que não se limitavam a fornecer alimentos e também pousada como já havia acontecido na Antiguidade, principalmente na época do grande Império Romano e continuaria a acontecer ainda na Idade Moderna.

A Idade Média, com a sociedade feudal, foi um período conturbado para a hospitalidade, o viajante era visto como um inimigo, um invasor até mesmo uma ameaça. Em decorrência das invasões dos Bárbaros (principalmente na Europa), as viagens declinaram-se e as hospedarias se deterioraram, afetando duramente o comércio pelas características do feudalismo, com a economia centralizada nas mãos dos grandes senhores feudais baseada na agricultura e a utilização do trabalho dos servos se estendendo por todo o continente Europeu (STRONG, 2004).

1.1 Conceituando Hospitalidade

Segundo Moesh (2002), a hospitalidade é uma manifestação carregada de aspectos importantes, apontando desta forma a complexidade do fenômeno turístico. Portanto, não pode ser desvinculada desta ação, pelo contrário, é uma peça inseparável do desenvolvimento e diferencial no setor em qualquer região, o que leva os órgãos envolvidos no processo, a obter melhor visão, dando-lhes uma dinâmica interdisciplinar de estudos e administrando-as com novas perspectivas.

Já segundo Boff (2005), é necessário que a cultura da hospitalidade esteja mais presente na atitude coletiva dos cidadãos, integrando no seu exercício o conceito de cidadania, afinal, todos nós fazemos parte da família humana no contexto universal.

Todavia, Paula (2002) destacou que a hospitalidade sob o ponto de vista psicológico pode ser entendida como uma extensão do ego em que a recepção se dá através de trocas e compartilhamento de bagagens intelectuais, de entendimentos e percepções sobre determinados fatos e atos da convivência entre os indivíduos. Tal como ocorreu na Grécia antiga, com Platão, Sócrates, Aristóteles e muitos outros que contribuíram decisivamente com este tipo de hospitalidade com os seus conhecimentos científicos. Aristóteles, por exemplo, afirmou ser a hospitalidade uma das mais importantes virtudes da sabedoria humana, e Platão a considerou o primeiro dos deveres de todos os cidadãos (CASTELLI, 2010).

As posturas desses dois filósofos gregos revelam um conceito muito presente nas comunidades ocidentais ao longo do tempo, no entanto, o seu exercício na atualidade está muito além dos ideais pregados por esses pensadores. Afirmar ainda que as diferentes formas de receber podem ou não satisfazer os fins, pois o desejo de necessidades nas satisfações humanas, primeiramente é o de satisfazer através da alimentação, em segundo lugar o desejo de se acomodar, com isso, a preocupação de quem recebe está na especialidade dessas questões.

Conforme Boff (2005), nem por isso devemos renunciar ao ideal da hospitalidade que está na base da convivência humana civilizada. Sempre podemos encontrar razões e ocasiões para proclamar essa atitude, com a consciência de que contribuimos com a parte que nos cabia. A questão da hospitalidade é hoje considerada como uma relação social e como dispositivo material que interessa as organizações e ao desenvolvimento das cidades, afirmando que é um ato de importância fundamental acolher e prestar serviços a alguém, que por algum motivo esteja fora do seu local de domicílio, ou seja, é uma relação entre o que recebe e o que é recebido. Essas formas de hospitalidade vão com o passar do tempo ganhando novas configurações, até chegarem aos contornos que adquiriram na atualidade (GRINOVER, 2002).

Camargo (2002), destaca que a hospitalidade é um fenômeno bem menos abrangente do que o crescente número de pessoas que a buscam por comodidade em suas viagens, é na verdade uma nova visibilidade adquirida nos tempos atuais pela hospitalidade humana nos mais diversos contextos do turismo. O profissional da hospitalidade é todo aquele que atua no sistema ligado ao turismo na localidade. A qualidade dos serviços prestados, não se resume apenas no domínio das áreas de atendimento, mas principalmente ser uma atitude constante dos colaboradores, satisfazendo sua clientela nos serviços ofertados.

Já para Botteril (2000), a evolução da pesquisa no campo da hospitalidade, considera que existem controvérsias sobre os vários entendimentos, resultando na questão de como entender a hospitalidade, uma vez que desses entendimentos surgirão às hipóteses a serem trabalhadas pelos pesquisadores. Considerando que a hospitalidade tem suas origens no mundo social, os estudos nessa área se concentram nas abordagens positivistas, hermenêuticas e críticas, com predominância para o enfoque positivo. Ainda conforme o autor, o estudo da hospitalidade se concentra nos negócios como uma ciência crítica direcionada em sua prática.

Na Idade Moderna as viagens passam a fazer parte da vida profissional, principalmente após a Revolução Industrial, se expandindo por toda a Europa desempenhando um papel de importância política social e econômica na sociedade, em especial com Thomas

Cook na venda de pacotes de turismo. Cada acontecimento mostra sua contribuição para a hospitalidade praticada nos dias atuais, em que o crescimento e os meios de comunicações são constantes, tornando as informações globais e acessíveis para grande parte da população, possibilitando assim, o acesso de muitos a todos os tipos de conhecimentos (BOTTERIL, 2000).

Com o passar do tempo, as pessoas mudam e as necessidades também, o que antes servia, hoje não é mais tolerado. As mudanças na sociedade tornam as pessoas com exigências próprias e únicas, que preferem dizer como gostariam de serem recebidas nos locais preferidos, onde a hospitalidade não deve ser apenas o ato de receber bem os indivíduos, mas sim, um conjunto de fatores que cumpram os anseios e desejos das pessoas, levando-as a não perceberem que é apenas um objeto de lucro para a comunidade receptora, ou seja, boa infraestrutura do receptor, preparo dos profissionais e conscientização da população local (CASTELLI, 2001).

Continuando, Castelli (2001) reafirma que a preocupação com a hospitalidade não deve ser apenas com a qualidade dos serviços, mas na satisfação voltada aos sentimentos e experiências do visitante, com um bom planejamento do espaço, ordenamento e manutenção da sua identidade. Tais experiências podem ser positivas ou não, e a interação lhes dá o reconhecimento de que a hospitalidade é uma via de mão dupla, com respeito mútuo para se criar o clima hospitaleiro a ser experimentado por todos os envolvidos no processo. Possui um caráter subjetivo, ou seja, é próprio de cada indivíduo sendo, portanto, difícil de ser mensurada. Pode também ser enfocada sob os aspectos das relações interpessoais em que o conhecimento mútuo pode assumir o papel de facilitador na identificação das necessidades atendidas.

O hóspede que chega numa cidade, antes do hotel ou casa de um parente tem como abrigo aquele espaço geográfico propriamente dito. Centros de informações (albergues para quem não dispõe de outro abrigo) e terminais de transporte com recurso para uma noite, são temas que impõe essa dimensão. As políticas públicas do turismo podem também afetar um destino, uma cidade e até mesmo um país, com a globalização e a comunicação instantânea, não há mais visitante ingênuo que acredite num processo de hospitalidade unilateral. No centro de uma aldeia africana ou de um lugarejo qualquer do mundo, tem-se conhecimentos dos mais variados estilos de vida (BURKE, 1995).

Segundo Ianni (2000), o viajante da atualidade que o faz espontaneamente, retornando ao seu domicílio atual, é conhecido como turista. Suas motivações podem alternar do lazer a negócios e eventos. É alvo de diversos estudos, afinal, na sociedade capitalista, constitui um

cliente importante a ser conhecido e fidelizado. Habitualmente reside em centros urbanos com constantes apelos de consumo, cercado de itens de conforto e, assim como em tempos passados, representa resistência ao outro, ao diferente.

1.2 Dimensões da Hospitalidade

A hospitalidade são formas de acolhimentos que podem ser exercidas em vários domínios, entre os quais cabe destacar o doméstico, o público e o comercial além da hospitalidade virtual. Dentro dessas dimensões, essas vertentes direcionam para diversas formas de receber, possuem virtudes que lhes são inerentes, mas cabe enfatizar a forte união existente entre todas elas. Contudo, para uma pessoa ser considerada acolhedora de forma genuína, ela não necessita concomitantemente demonstrar que é detentora de todas as virtudes hospitaleiras, existem momentos ou contextos, em que uma ação é mais exigida do que outra, envolve conveniência, participação, comunhão, celebração, respeito, sensibilidade, cortesia, tolerância, generosidade, simplicidade, solidariedade, harmonização [...] (BOFF, 2005).

No contexto da sociedade e do ponto de vista histórico, o ato de receber em casa, ou seja, a hospitalidade doméstica é a que envolve maior complexidade do ponto de vista de ritos e significados. A hospitalidade pública acontece em decorrência do direito de ir e vir, e em consequência de ser bem atendido nas suas expectativas de interação humana. Pode ser entendida tanto no cotidiano da vida urbana que privilegia os residentes, como na dimensão turística, com mais amplitude na política, exemplos na migração de países mais pobres para os mais ricos. A hospitalidade comercial se envolve dentro de modernas estruturas, criadas em função do surgimento do turismo moderno e mais adequadas aos novos hábitos. E já a virtual caracteriza-se pela ubiquidade na qual emissor e receptor da mensagem são respectivamente anfitrião e visitante, com todas as consequências que essa relação implica (LASHLEY; MORRISON, 2000).

A hospitalidade para ser compreendida em seu significado mais abrangente necessita da participação de outras ciências, pois é um objeto de estudo importante em várias delas, dentre as quais a antropologia, sociologia, geografia, economia, administração e outras por diferentes paradigmas.

Desta forma, ainda segundo Lashley; Morrison (2000), a hospitalidade do ponto de vista analítico-operacional, pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat conforme observa-se no quadro a seguir:

Quadro 01: Dimensões da Hospitalidade

Categoria	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para recepções e festas
Pública	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país	A gastronomia local	Espaços públicos de lazer e eventos
Comercial	Os serviços profissionais da recepção	Hotéis, hospitais e casas de saúde	A restauração	Eventos e espetáculos. Espaços privados de lazer
Virtual	A net-etiqueta do enviar e receber mensagens por meios eletrônicos	Sites e hospedeiros de sites	A gastronomia eletrônica	Jogos e entretenimento

Fonte: Lashley; Morrison (2000)

Contudo, por melhor que seja a hospitalidade doméstica ou os cuidados que ela cerca seu hóspede, o interesse do indivíduo está no local. Deve-se prestar atenção que a experiência do turista começa quando ele tem o primeiro contato com o lugar que o recebe. Ela envolve as particularidades de um povo, suas manias e suas marcas. Em um mercado onde se buscam as particularidades, ao invés da padronização, a hospitalidade doméstica pode ser considerada um atrativo, uma vez que os costumes e hábitos particulares de cada localidade têm sido cada vez mais valorizados (CAMARGO, 2007), como ocorre na Comunidade São Gonçalo Beira Rio.

A hospitalidade doméstica é representada pelas relações que se estabelecem na casa, no lar e é definida como a matriz e o espaço de preservação dos rituais legados pelas tradições do lugar, tanto na forma de recepcionar como de hospedar, alimentar e entreter. Ainda que a noção de hospitalidade necessariamente seja o ato de proporcionar pousada ou abrigo aos visitantes, não há como deixar de incluir nessa categoria o calor humano dedicado a alguém sob a forma de oferta de um teto ou ao menos um afeto de segurança, ainda que por alguns momentos.

2.0 CONTEXTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO

Portugal e Espanha lideraram no mundo a iniciativa das grandes navegações marítimas nos séculos XV e XVI. Em virtude das grandes descobertas da época passaram a ter divergências em relação ao domínio das novas conquistas. Diante do impasse, em comum acordo formularam-se o Tratado de Tordesilhas em 1494, que nada mais era do que uma linha imaginária. Por esse tratado, mesmo o Brasil sendo “descoberto” pelos portugueses em 1500, uma imensa parte do seu território pertencia aos espanhóis, (a esquerda de Belém do Pará ao norte, até Laguna em Santa Catarina no sul) que tiveram algumas iniciativas de colonizações não consolidadas, talvez pelo confronto com os povos indígenas, dificuldades inerentes a época, ou outros interesses mais vantajosos, direcionados para a região dos Andes.

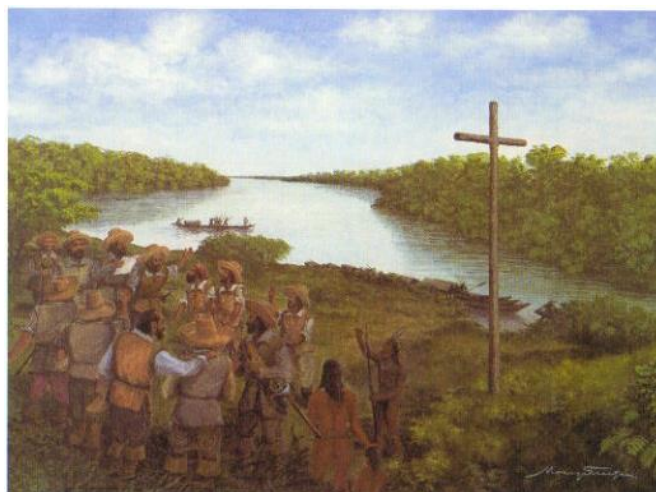
Um pouco mais tarde, em 1678 com Manoel de Campos Bicudo e com o interesse da Coroa de estabelecer a posse em territórios de domínio espanhol rumo ao centro-oeste, chegam aqui os primeiros bandeirantes que partiram de São Paulo, dando início às primeiras descobertas na nossa região, estabelecendo e denominando o local de São Gonçalo, teve forte repressão dos indígenas, com a sua fundação somente sendo consolidada mais adiante (MENDES, 2009).

Afirma ainda Mendes (2009) que Pascoal Moreira Cabral despachou para o governador da capitania de São Paulo, D. Pedro de Almeida Portugal, amostras do metal encontrado, juntamente com um termo comunicando a descoberta dessas minas. Com esse documento, o bandeirante visava assegurar os seus direitos de descobridor e explorador das minas de ouro encontradas na região por seus homens. Este é o documento considerado pelos historiadores como: a Ata de Fundação de Cuiabá, lavrada em São Gonçalo Beira Rio no dia 08 de abril de 1719. Logo São Gonçalo Velho tornou-se um arraial relativamente populoso, com o povoamento as margens do rio Cuiabá, subindo também à esquerda nas margens do Rio Coxipó a partir da sua foz.

Entre 1720 e 1721 chegaram os primeiros padres, realizando em São Gonçalo a primeira missa campal, construindo posteriormente na localidade, à primeira capela em homenagem ao santo. São Gonçalo, como uma comunidade ribeirinha e fertilidade do solo, permaneceu com seus habitantes por muitos anos mais tarde com as mesmas práticas e características dos ancestrais, ou seja, pequenas agriculturas aliadas à pesca e artesanatos. Os arraiais de São Gonçalo e da Forquilha, nos primórdios da mineração cuiabana, constituíram-se nas chamadas lavras do Coxipó Mirim. O arraial da Forquilha é hoje o distrito do Coxipó do Ouro, também pertencente ao município. Estabelecido em 1721, um pouco acima, fundada

por Antônio de Almeida Lara, tornando-se um novo epicentro da região mineradora, habitando ali os seus administradores, ao mesmo tempo em que construiu, tal como em São Gonçalo, uma capela, agora dedicada a Nossa Senhora da Penha de França (SIQUEIRA, 2002).

Imagem 01: Chegada em São Gonçalo Beira Rio em 1717³



Fonte: Site Historiografia Mato-grossense (1717)

Ainda segundo o autor, Portugal como metrópole, tinha interesse pelo início da colonização, explorando as riquezas minerais, e aprisionando os índios para o trabalho escravo nas lavouras. Deram-se, portanto, início as expedições pelo interior da Colônia, conhecida como Bandeiras Paulistas, a partir do século XVII. Enfrentando todas as dificuldades da época aqui chegaram em 1678, sob o comando de Manoel de Campos Bicudo, desembarcaram na confluência dos rios Cuiabá e Coxipó, local que denominaram de São Gonçalo. Com solo fértil, plantaram roças, e após a colheita seguiram viagem pelo Coxipó acima até o morro de São Jerônimo.

Já segundo Siqueira (2002), uma bandeira comandada por Antônio Pires de Campos, filho de Manoel de Campos Bicudo, atingiu novamente a foz do rio Coxipó, rebatizando-a de São Gonçalo Velho. No vale do rio Coxipó ele encontrou os índios Bororos, chamando-os de Coxiponés. Capturou dezenas para trabalhar como escravos nas lavouras em São Paulo após incendiar suas aldeias. No retorno, encontrou outra bandeira chefiada por Pascoal Moreira Cabral que informado da existência de indígenas nesta região, para cá se dirigiu. Subiu o rio

³ Chegada dos primeiros Bandeirantes na Comunidade São Gonçalo Beira Rio no ano de 1717, dando início ao desbravamento da nossa região, capturando os Indígenas para o trabalho escravo e em seguida com as descobertas das minas.

Coxipó, passando pela aldeia destruída pelo seu antecessor, indo encontrar os Coxiponés na confluência com o rio Mutuca.

Ainda segundo Siqueira (2002), foi criada a capitania de Mato Grosso por Carta Régia assinada por D. Joao VI em 09 de maio de 1748, desmembrada da capitania de São Paulo. O espaço territorial ocupado pela capitania abrangia uma área que compreendia os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Contando com um vasto território a ser protegido contra qualquer investida espanhola a capitania de Mato Grosso deveria desempenhar um papel geopolítico, servindo como escudo protegendo as fronteiras, seus núcleos populacionais, as minas auríferas e garantir tráfego fluvial pela região. Em 25 de setembro de 1748, D. Antônio Rolim de Moura foi nomeado por D. João VI como seu primeiro governador, recebeu uma série de instruções para o exercício do seu governo, dentre as quais, estabelecer a capital nas margens do rio Guaporé por ser um ponto estratégico, em consequência deu-se a fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Já segundo Lacerda (2005), Miguel Sutil de Oliveira chegou com os primeiros bandeirantes, adquirindo um sítio localizado nas margens do riacho da Prainha. Nesse local, com a ajuda de João Francisco, apelidado de Barbado, ele sobrevivia pescando e tocando a roça para abastecer os arraiais mineradores de São Gonçalo e da Forquilha. Em 1722 mandou dois índios procurarem mel no cerrado que retornaram somente à noite com uma elevada quantia de ouro. Estava descoberta uma mina com um potencial imenso: As Lavras do Sutil. A notícia provocou alvoroço nos mineradores do leito do Coxipó, que mudaram em peso para o novo local.

Lacerda (2005) reafirma que essa nova jazida estava localizada próximo a atual colina da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e deu origem ao terceiro arraial fundado pelos bandeirantes nas minas cuiabanas. O arraial de Cuiabá, que nasceu sob a inovação do Senhor Bom Jesus, criando em sua homenagem a atual Igreja Mariz em 1723. O local transformou-se num grande centro com imensa abundância do metal, aumentando muito mais o interesse da Coroa Portuguesa pela região, que em julho de 1726, Rodrigo Cesar de Menezes, governador da província e por determinação real, veio conhecer as minas, e como primeiro ato assinou a Ata elevando Cuiabá à categoria de *Vila Real*⁴ do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Foi tão intensa a corrida para o local que gerou sérias consequências com muitas mortes por falta de provisões alimentares, ninguém queria se envolver com a agricultura, e tão

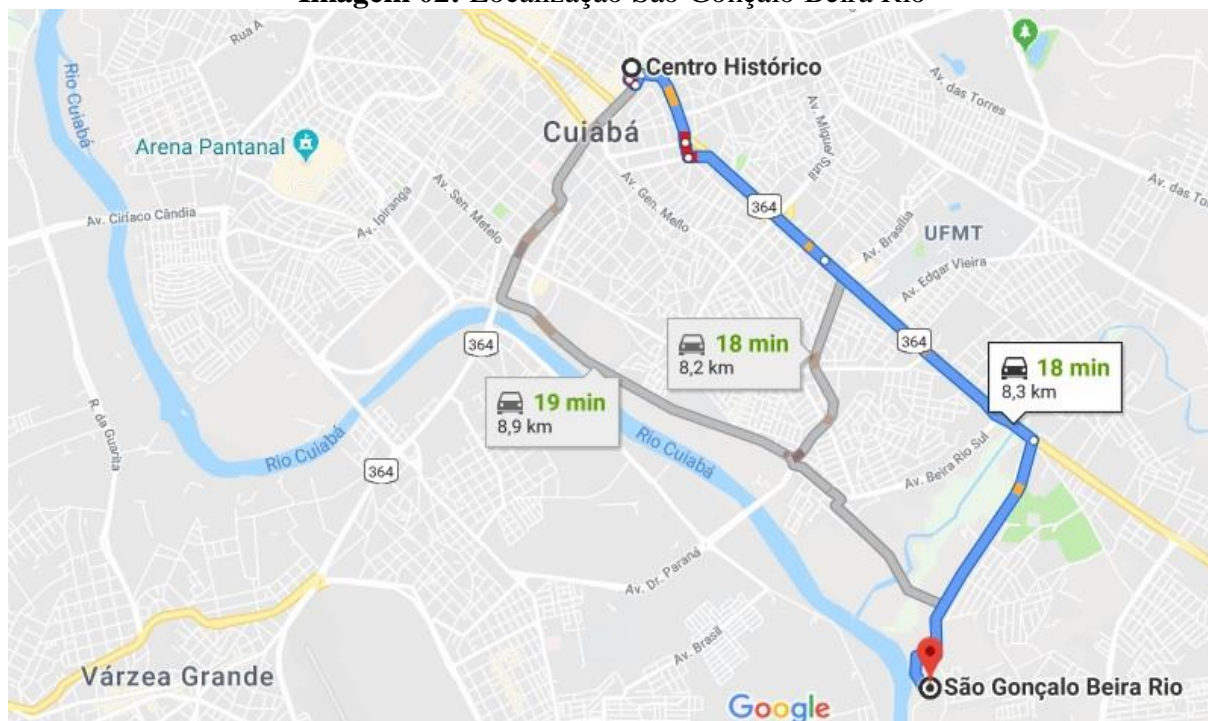
⁴ O termo *Vila Real* na época era um prêmio de destaque junto a Coroa pelo que uma região representava em termos de riqueza.

somente com a busca pelo ouro. Miguel Sutil, no entanto, acabou logo retornando para São Paulo (Sorocaba, sua cidade natal), por conta das perseguições dos Irmãos Lemes⁵. Em 18 de agosto de 1765, Miguel Sutil faleceu pobre na sua cidade natal, e seu testamento não pode ser cumprido por falta de dinheiro. Foi sepultado na Igreja Matriz de Sorocaba, sem música como desejava, e hoje seus restos mortais juntamente com os de Pascoal Moreira Cabral repousam na cripta da Catedral Metropolitana de Cuiabá (transladado em 1975).

2.1 Comunidade São Gonçalo Beira Rio

Nesse contexto, a Comunidade São Gonçalo Beira Rio foi fundada em 1717 e localiza-se na margem esquerda do Rio Cuiabá, um pouco abaixo da foz do Rio Coxipo (região sul), distante aproximadamente oito quilômetros do centro histórico, ligada pela Avenida Fernando Corrêa da Costa. São Gonçalo Beira Rio engloba dentro do nosso contexto histórico, valores econômicos, sociais, naturais e tradicionais que são preservados até os dias de hoje. Conforme a imagem abaixo é possível identificar outros meios de acesso além do que está mencionado.

Imagem 02: Localização São Gonçalo Beira Rio



Fonte: Google Maps (2019)

⁵ Foram dois irmãos que cometiam todo tipo de atrocidade na capitania e em consequência das suas barbaridades foram julgados e condenados a morte em 1732, sendo degolados.

É uma comunidade formada por pessoas unidas por laços naturais e espontâneos, mantém os costumes dos seus ancestrais nos hábitos, nas artes e nas danças e lutam pela sua preservação. Possuem objetivos comuns que vão além dos interesses particulares dos indivíduos, com sentimentos coletivos que norteiam as ações, ou seja, é uma comunidade em que o interesse de todos se identificam com a vida e o interesse da coletividade (GUY, 1971).

A história de ocupação de São Gonçalo (conforme imagem 02) está intimamente relacionada com os primeiros anos da história de Mato Grosso e desde os seus primeiros momentos, tornou-se uma referência de grande importância para a formação e ocupação do nosso Estado. Com grande significado no descobrimento da nossa região, suas terras de ótima qualidade para a agricultura deram suporte na mineração com a produção agrícola que tanto necessitavam. O próprio Rio Cuiabá faz parte da história local.

Imagem 02: Entrada da Comunidade

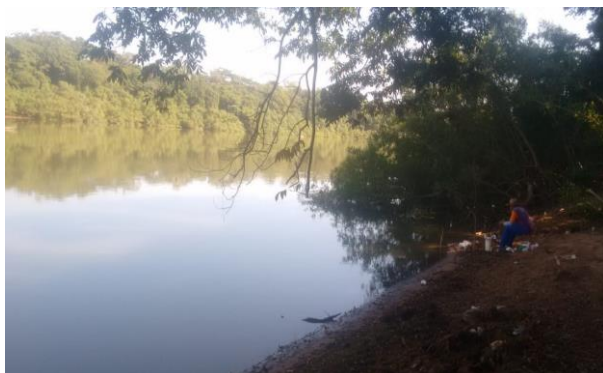


Fonte: Autor (2019)

É uma nostálgica Comunidade que ficou por muitos anos isolada do vilarejo que se formou no centro histórico de Cuiabá e hoje, apesar de todo desenvolvimento urbano do entorno, luta pela preservação da identidade cultural dos seus primeiros habitantes (CORREA FILHO, 1994).

Nas imagens 03 e 04 tem-se o Rio Cuiabá na Comunidade demonstrando a atividade mais desenvolvida no local que é a pesca de subsistência, mas em comparação com outras épocas, constata-se nos dias atuais, uma grande diferença em relação à quantidade de peixes retirada do local.

Imagem 03 e 04: Pesca de Subsistência



Fonte: Autor (2019)



Fonte: Monlevade (2019)

Segundo Azevedo (2000), até por volta da década de 70 às agressões ao meio ambiente não eram tão visíveis e a comunidade conseguia manter-se a margem do sistema capitalista, praticando uma economia de subsistência. A partir deste momento com a política de crescimento econômico e a modernização da sociedade na capital, a ação predatória da natureza é intensificada o que provoca a desestabilização do meio físico, descaracterizando o meio ambiente e refletindo na vida social e econômica dos ribeirinhos. Isto acelerou a saída das famílias para outros bairros aumentando a dependência econômica no meio urbano por parte dos moradores.

Azevedo (2000), reafirma uma mudança que hoje os moradores confessam ter sofrido, sem, contudo perceber na época foi que passado os primeiros momentos com relação à televisão, a mesma se tornou rotina em suas vidas, retirando-lhes o que tinham de mais precioso nas relações com a vizinhança que eram os momentos de prosa nas portas das casas, observando o desenvolvimento das crianças, as brincadeiras e analisando a vida do lugar e das pessoas. A televisão introduziu novos valores, mas excluiu esses hábitos, confirmando ser um veículo de comunicação da sociedade capitalista e não um meio de reflexão aberta em busca de caminhos alternativos nas mudanças das estruturas sociais, confirmando também que foi um instrumento que contribuiu muito com a descaracterização desse espaço geográfico.

2.1.1 Origem do nome São Gonçalo e procedência dos atuais moradores

Existem várias hipóteses para a origem do nome da comunidade de acordo com os historiadores locais. Segundo Januário (1997), pode estar relacionado com a imagem do Santo encontrada pelos pescadores nas proximidades onde deságua o córrego São Gonçalo, nomeando aí o seu entorno. Silva (1995), porém afirma que foram os bandeirantes paulistas Manoel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva que deram esta denominação. E de

acordo com Leite (1979), tenha sido pelo fato dos bandeirantes, na maioria descendente de portugueses, e lá professavam a religião católica tendo muito respeito por São Gonçalo como protetor dos navegantes.

E quanto à procedência, a maioria das famílias de São Gonçalo é originária da Baixada Cuiabana e tem como ancestrais europeus de origem portuguesa ou espanhola e índios da nação Bororo, ou seja, a maioria dos seus habitantes provém da miscigenação do branco com o índio. Algumas famílias de negros instalaram-se na comunidade no início do século XX com o passar do tempo deslocaram-se para uma região logo abaixo conhecida na época como “Capão dos Negros”, em Várzea Grande. Nas décadas de 60 e 70 estabeleceram nas imediações, imigrantes de outros locais principalmente do nordeste e sudeste integrando com a comunidade através do casamento e adquirindo propriedade na região (JANUÁRIO, 1997).

2.1.2 Atividades econômicas e culturais

A pesca, o artesanato com variadas peças e as festas religiosas são as atividades mais antigas desenvolvidas no local desde o início da sua povoação, constituindo uma importante fonte de renda para a comunidade, juntamente com as peixarias que se se instalaram nas últimas décadas fomentando a economia local. Existe ainda o pescador profissional que sobrevive exclusivamente da pesca, o pescador-lavrador que trabalha durante o dia na agricultura ou em outra atividade e a noite dedica-se a pesca e o pescador de subsistência que pesca apenas para o consumo da família, em sua maioria pessoas aposentadas. No final da década de 1960 a comunidade foi incorporada a área urbana de Cuiabá, quando os técnicos da prefeitura promoveram a alteração da sua denominação de São Gonçalo Velho para São Gonçalo Beira Rio, nesse período diversas chácaras no seu entorno foram loteadas, dando origem a novos bairros (ROMANCINE, 1994).

Romancine (1994), destaca ainda que diante das mudanças que ocorreram na sociedade de consumo, com a influência dos hábitos da população cuiabana, surgiram outras formas de sobrevivência (caso das peixarias), e no final da década de 1990, verifica-se uma preocupação por parte do poder público e da sociedade civil, de revalorizar o patrimônio cultural construído em tempos passados, tendo nos seus valores significados e importância na nossa história, daí a preocupação e manutenção de características afins, com suas dimensões e singularidades, preservando a memória e a cultura do lugar.

Correa (2000), pontua que com o tombamento da foz do Rio Coxipó, com São Gonçalo nas imediações, o poder público estimulou a comercialização dos produtos da identidade local, aliado as manifestações populares como festas religiosas que são de interesse

para o patrimônio cultural do município, ou seja, houve-se uma maior preocupação do poder público, advindo com as transformações urbanas no local e pelo que representa, modificando o relacionamento do ribeirão no seu espaço físico.

2.1.3 Caracterização dos espaços locais

A Comunidade se destaca de forma autêntica pelo que desenvolve nos seus espaços culturais, históricos e naturais, tais como: o Rio Cuiabá, as Peixarias, o Artesanato, a Igreja da Comunidade Católica e a tradição do Cururu e Siriri, são fatores diretamente ligados com as origens da comunidade, ou seja, são elementos que identificam e guardam na sua essência dados e informações importantes da vida dos moradores.

O Rio Cuiabá – É o principal rio da Baixada Cuiabana, acidente geográfico natural diretamente envolvido com todos os acontecimentos ligados ao cotidiano dos moradores locais desde a sua fundação, sendo a essência principal ligada a toda motivação e interesse na hospitalidade local. Durante muitas décadas foi a principal via de acesso ao mundo exterior no transporte de gêneros alimentícios e de outras necessidades que chegavam através das embarcações que utilizavam suas águas como via natural. Suas margens foram habitadas por povos dotados de costumes que nos contagiam até hoje, além dos visitantes e a população autóctone que, nos momentos de lazer contemplam este rio que é cheio de riquezas e mitos. Isso leva a perceber o quanto é marcante a relação do ribeirão com a natureza e a importância do equilíbrio na sua exploração. É, portanto, um rio com grande importância histórica, especialmente naquela comunidade que respeitosamente o reconhecem como o maior valor das suas culturas e tradições, ao mesmo tempo em que é um testemunho dos acontecimentos no seu entorno, com papel relevante na consolidação e expansão do território mato-grossense (SIQUEIRA, 2002).

Portanto, segundo relatos da Comunidade o rio Cuiabá (imagem 05 e 06) representa um patrimônio histórico de grande importância para a sociedade mato-grossense. No entanto, nas últimas décadas tem enfrentado um processo de perda de qualidade, tendo por principais motivos as ações antrópicas, com falta de ações concretas de todos os setores com a questão⁶.

⁶ A atual situação do rio foi avaliada pelos entrevistados na comunidade como péssima, pois recebe grande parte dos dejetos gerados pelas cidades localizadas na extensão de suas margens, ficando clara a falta de ações dos órgãos públicos, em relação ao tratamento do esgoto e mais a conscientização da população em geral.

Imagem 05 e 06: Rio Cuiabá na Comunidade



Fonte: Autor (2019)



Fonte: Monlevade (2019)

Peixarias – Segundo os moradores, as primeiras peixarias surgiram no local com iniciativas da própria comunidade. Pescavam o produto e vendia-o nas margens do rio aos atravessadores que os revendiam nos diversos pontos da cidade. Com a abundância do peixe, uma das principais atividades econômicas da comunidade era a pesca. E com a expansão da venda do produto, foram surgindo novas ideias de negócios pelos moradores, em especial das mulheres, buscando outros meios de comercialização do pescado, as quais por tradição detinham muitos conhecimentos e variadas formas dentro da culinária em relação ao produto, transformando-o em diversos pratos para venda, mesmo de forma simples, começando aí as peixarias.

Afirmam ainda que com o crescimento urbano e a transformação do local em uma das Rotas do Peixe da Baixada Cuiabana, obtiveram uma grande demanda (principalmente aos finais de semanas), como também certa descaracterização em relação aos empreendedores do segmento. Todavia, enfatizam o hábito gastronômico do cuiabano pelo peixe, tais como: Mojica de Pintado, Bagre Ensopado, Ventrecha de Pacu, Caldo de Piranha entre outros.

Imagem 07 e 08: Rua Principal



Fonte: Autor (2019)



Fonte: Monlevade (2019)

De acordo como foi fundada e mesmo com algumas ruas no entorno, a Comunidade São Gonçalo Beira Rio propriamente dita, se resume numa rua principal as margens do Rio Cuiabá, (conforme imagens 07 e 08), onde-se localizam os atrativos que são as Peixarias o Artesanato e o próprio Rio Cuiabá.

Artesanato – São Gonçalo, assim como outras comunidades localizadas na depressão Cuiabana vivenciou profundas transformações econômicas que foram mudando o relacionamento do ribeirão com seu espaço físico. A continuidade ativa do artesanato é uma incógnita com o pouco interesse das novas gerações que buscam alternativas de trabalhos fora da comunidade e olham a sua produção apenas como um lazer nas horas de folga, tendo apenas os idosos, um interesse maior. A dificuldade de obter a lenha, o barro na época da chuva e a restrição do mercado consumidor, tem dificultado muito o trabalho dos artesões, mas reconhecem que por ser tradição local, sempre vai ter uma família envolvida com a questão que é uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá (MESQUITA, 1978).

A imagem 09 mostra um dos artesanatos tradicionais da comunidade para o turista/visitante, que é o feito de barro com diversas formas e cores, demonstrando também a riqueza dos detalhes, estampados dentro das artes de confeccioná-los e a inspiração nos variados modelos, que representam a preservação da cultura herdada.

Imagem 09: Artesanato tradicional



Fonte: Monlevade (2019)

Igreja da Comunidade Católica de São Gonçalo – É uma igreja que foi construída pelos moradores, e inaugurada em 2006, no dia do santo padroeiro que é 10 de janeiro (imagem 10). Possui também em anexo um espaço para as reuniões da comunidade e realizações dos festejos religiosos, em especial o de São Gonçalo, em que é obrigatório o levantamento do mastro que possui uma bandeira em sua ponta com ilustração do santo e a manifestação do cururu e siriri. Mas o ponto alto da festa é o momento em que são organizadas duas fileiras em frente ao altar, uma de homens outra de mulheres e os devotos cantam e dançam a Dança de São Gonçalo. Avançam e recuam em direção ao santo em frente ao altar, dois a dois, ajoelham-se e prestam homenagem. Em um dado momento, quando estão dançando em roda, uma das mulheres dança no centro, segurando a imagem do santo na cabeça. A festa de São Gonçalo é uma manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município (GRANDO, 2002).

Imagem 10: Igreja da Comunidade Católica de São Gonçalo

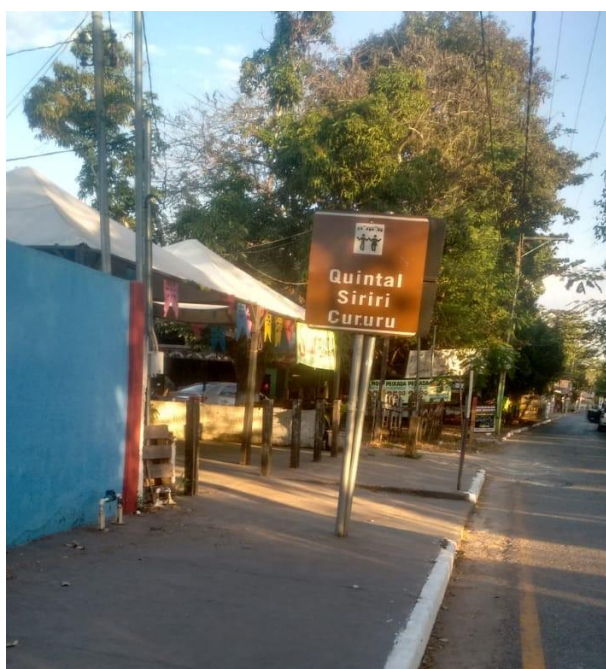


Fonte: Autor (2019)

Quintal do Cururu e Siriri – É um espaço para práticas e preservação dessas danças tradicionais especialmente pelos mais antigos (imagem 11). O Cururu consiste em uma roda de dança realizada tanto em festas religiosas como em outros eventos na comunidade, composta por pessoas do sexo masculino, este são chamados cururueiros e raramente

acompanhadas de movimentos coreográficos. Já o Siriri é um folguedo popular identificado em várias regiões brasileiras, sendo em Mato Grosso apresentadas nas festas organizadas em homenagens aos santos. É dançada por adultos e crianças de ambos os sexos e hoje existe uma nova geração composta pelo grupo Flor Ribeirinha que continua praticando a dança para preservar esta bela tradição. Apresentam-se em eventos culturais, inclusive em outros países levando as tradições da comunidade, bem como de Mato Grosso.

Imagem 11: Quintal do Cururu e Siriri



Fonte: Autor (2019)

As festas Religiosas da Comunidade (em especial a do santo padroeiro, São Gonçalo) fazem partes das tradições locais herdadas dos seus antepassados e possuem nos grupos de danças [...], compostos principalmente pelos moradores mais antigos, o desejo comum de manter na comunidade, os costumes e as práticas da identidade cultural de um povo.

Assim, apresenta-se na imagem 12, uma demonstração gráfica de todas as atrações turísticas citadas que existem na comunidade.

Imagem 12: Atrativos Turísticos da Comunidade São Gonçalo Beira Rio



Fonte: Adaptado pelo autor (2019)⁷

Todos os atrativos elencados anteriormente constituem para os moradores orgulho, satisfação e pressupõem que são fatores relevantes dentro dos seus objetivos, ou seja, a

⁷ Imagem criada pelo autor Hermes Costa com apoio das acadêmicas do Curso de Bacharelado em Turismo - Vera Feltrin e Solange Amorim.

comunidade tem amplo conhecimento da importância e significado desse espaço geográfico como um todo e sabe perfeitamente do interesse do turista/visitante pelo lugar, dado seu grau de essência na hospitalidade com tais atrativos em que no contexto econômico lhes proporcionam renda ao mesmo tempo em que divulgam sua cultura e preservam as suas raízes.

3.0 A HOSPITALIDADE EM SÃO GONÇALO BEIRA RIO

A presente pesquisa objetivou analisar a hospitalidade em São Gonçalo Beira Rio. Para tanto foram entrevistados 04 empresários, 02 moradores(as) e 03 turistas/visitantes⁸. As entrevistas ocorreram no dia 25 de maio de 2019.

Buscou-se através dos três perfis de entrevistados, analisar as diferentes opiniões sobre a hospitalidade na comunidade, bem como compreender as similaridades dos depoimentos e entendimentos sobre as questões levantadas.

3.1 Hospitalidade na visão dos empresários locais

Em um primeiro momento têm-se as análises referentes aos empresários. Foram realizadas 10 perguntas entre abertas e de múltipla escolha que nos permitiu compreender que em sua maioria estes comerciantes estão atuando em São Gonçalo há mais de 04 anos. Todos concordam que o turismo trás benefícios e segundo o Empresário 1, o turismo fomenta a economia local, contudo, enfatiza que atende mais pessoas da nossa região, e que São Gonçalo não é tão divulgado quanto deveria.

Reclamaram da infraestrutura e inoperância do poder público, conforme observado na fala do Empresário 3 ao dizer que estão abandonados pelas autoridades “como vocês estão vendo ai somos abandonados pelas autoridades, não tem um quebra-molas não tem uma área de lazer não tem nada aqui” (informação verbal)⁹, ideia reforçada pelo Empresário 2, ao dizer que precisam do apoio do governo com melhorias estruturais que ainda não vieram, para atenderem melhor as pessoas. Enaltecem também dentro do descaso do poder público, a questão do saneamento, pois de acordo com os entrevistados, é um sério problema para quem vive na comunidade, mesmo sendo um bairro com mais de três séculos de existência, não conta com uma rede geral de coleta de esgoto. Segundo informação, a maioria das residências

⁸ Números referentes às pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

⁹ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

ainda é dotada de fossas sépticas, tendo de recorrerem com certa frequência aos famosos “caminhões limpa fossa”, para o seu esvaziamento, pois são modelos precários de esgotamento, que não seguem os padrões técnicos de segurança, por não possuírem um revestimento interno seguro, ou seja, essas fossas permitem o contato dos dejetos diretamente com o solo, além da deficiência na coleta do lixo que também apresenta irregularidade.

Ainda segundo os empresários, a acessibilidade local para deficientes é praticamente zero, o transporte coletivo é feito por linhas regulares, mas nem sempre no período noturno vão até ao horário estipulado. Com relação à saúde e educação, em virtude das carências locais, a comunidade é beneficiada com as estruturas existentes nos bairros de seu entorno, e no quesito segurança, “um olha o outro, exaltando que todos são parentes”.

O Empresário 4, enaltece quanto aos demais pontos positivos, tais como: a boa demanda local. Todavia, frisa também as deficiências na capacitação de pessoas por não ter um guia para recepcionar o turista (episódio sentido na copa de 2014), ao mesmo tempo ficaram decepcionados com a demanda durante o período, deste modo levou-os a criar uma rotina própria (muitos só abrem aos finais de semana). Contudo, segundo o mesmo empresário, tem peixarias que abrem de segunda a segunda e o movimento tem crescido, mas apenas com o visitante, e não com turista de fora, ou seja, são conscientes que direcionam a hospitalidade mais para o público da região (o doméstico).

Os Empresários se preocupam muito, dentro das suas limitações, com a hospitalidade dispensada aos visitantes, no sentido de tê-los de volta, como também são conscientes das dificuldades que enfrentam dada a pouca participação do poder público no gerenciamento das questões pertinentes. Segundo o Empresário 4, apenas o Sr. Jaime Okamura beneficiou muito a comunidade e os comerciantes, com a criação da Rota do Peixe e sempre procura direcionar os grupos de turistas que vem de fora para o local. Afirmar ainda, que foi uma ação de singular importância para todos, mas não teve junto ao poder público, somatória de esforços para maior ampliação do projeto no roteiro gastronômico.

O Empresário 3, menciona que foi feito um projeto para a construção de uma Orla, às margens do rio, semelhante a que fizeram no Bairro do Porto, e mesmo com verba liberada há três anos, nada foi feito, citando a importância do projeto, com o incremento de outras melhorias, tais como: calçadas, estacionamentos, espaços de lazer dentre outros, [...], beneficiando a todos com uma melhor infraestrutura. No entanto, segundo o Empresário, existem discordâncias internas, ou seja, com os comerciantes estabelecidos às margens do rio que (apesar do parentesco), dizem que “seriam incomodados”.

Afirmam ainda que o conjunto de peixarias é um dos principais atrativos da comunidade e discordam quanto à participação da associação no planejamento do turismo. De acordo com o Empresário 2 todos (pescadores, artesãos a comunidade em geral), lutam pelo turismo, tendo-o como um só objetivo “todos buscam as melhorias, nós todos unidos num só objetivo” (informação verbal)¹⁰. O Empresário 3, frisa que quem ajuda muito também é o grupo Flor Ribeirinha que por ser do local termina divulgando muito a comunidade. Reforça também que a Associação dos Moradores, só aparece na época da política:

[...] essa questão de presidente de bairro não ajuda a gente em nada, não vem nenhum prefeito ou vereador... [...] a comunidade não trabalha de forma coletiva em prol do bem comum, sendo cada um para si, os políticos mesmos só aparecem na época da política aí aparece um monte dentro da associação oferecendo favores em troca de votos (informação verbal)¹¹.

Ainda sobre a participação da comunidade, segundo o Empresário 4, o local precisa de uma pessoa na associação que tenha um olhar mais específico para a questão, no sentido de orientar, organizar, coordenar e também cobrar os benefícios inerentes às causas, frisando ao mesmo tempo que a Associação das Ceramistas é mais atuante.

Para o Empresário 3 em se tratando da Associação dos Moradores, o presidente não ajuda em nada, ou seja, frisa mais uma vez que não busca junto às autoridades meios para o benefício da comunidade. Já o Empresário 4, contradiz mencionando que a associação é importante, enaltecendo que antes era só poeira, não tinha asfalto e hoje com esse benefício melhorou muito, surgindo a cada ano uma peixaria entre as próprias famílias, frisando novamente que a associação é importante sim, pois tenta ajudar, mas não são todos que participam, não são todos conscientes que se deve ter união para conseguir os benefícios.

Todos os empresários afirmam que é ótimo, ou muito bom o relacionamento com o turista/visitante, pois segundo dizem, é primordial atendê-lo bem, ser cordial, afinal, segundo o Empresário 1, eles vivem disso, e de acordo com o Empresário 3, cada um tem as suas formas na culinária, preocupando-se com a satisfação do cliente, lhes ofertando variados pratos da gastronomia regional.

Os entrevistados disseram também que ser hospitaleiro é receber com alegria, oferecer serviços de boa qualidade aos clientes e deixá-los a vontade para se sentir em casa, conforme relata o Empresário 1, “É receber com alegria, sorriso no rosto, dar um bom dia, boa tarde,

¹⁰ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

¹¹ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

boa noite fazendo sua parte” (informação verbal)¹². Já o Empresário 3 complementa “É ser tudo aquilo que a gente pode oferecer de bom para o turista caprichando ao máximo no produto que pedir no estabelecimento. Enfim, é estar sempre pronto para atender bem o seu cliente existindo sempre a preocupação em sempre ter o que o turista pede” (informação verbal)¹³. Para o Empresário 4, essa preocupação ainda perpassa pela história e pela cultura do local, ser hospitaleiro significa mostrar ao turista toda a realidade histórica de São Gonçalo Beira Rio conforme observa:

É deixar o turista à vontade né? É ele sentir em casa na verdade, é sentir que nós não temos aquele olhar de desconfiança, é o que o cuiabano tem o calor humano, fazer mais amizades, mostrar mesmo a nossa cultura, mostrar o nosso dia a dia, mostrar as nossas necessidades, a história toda, o que hoje a comunidade é, é... devido geração por geração por exemplo (informação verbal)¹⁴.

Já quando perguntados sobre o que acreditam ser a principal atração da comunidade, os entrevistados disseram que o turista/visitante tem preferências alternadas em relação aos atrativos locais. Segundo o Empresário 1 o fato de São Gonçalo estar a beira do rio e por sentir a sensação de um clima mais ameno [...], comendo um peixe é de fato uma grande atração do local. Todavia, o Empresário 2, entende que é o local pela sua história e já de acordo com o Empresário 3, é a Culinária com as Peixarias e para o Empresário 4, é a Cultura local e as Festas Religiosas com suas danças.

A Culinária Cuiabana tem suas raízes ligadas aos Portugueses, aos Africanos e aos Indígenas. A diferença está na incorporação de ingredientes da flora e da fauna nativa, nas combinações e modos de preparo originais que lhe asseguram sabores, cheiros, e aspectos inesquecíveis ao paladar, ao olfato e aos olhos.

Fato este que ao falar da Comunidade São Gonçalo Beira Rio e suas peixarias (apesar de alguns problemas estruturais que existem), compreendemos que estes espaços tradicionais são importantes na preservação da memória cuiabana e da cultura gastronômica em relação ao peixe e a manutenção dos costumes dos povos indígenas (seus primeiros habitantes), como um dos principais hábitos alimentares no consumo do pescado, e também um dos meios de sobrevivência dos primeiros povos quando aqui chegaram, aliado a tradição de ser um alimento considerado farto na mesa dos povos ribeirinhos (HIPERNOTÍCIAS, 2013).

¹² Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

¹³ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

¹⁴ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

Bem como, as festas existentes na Comunidade que buscam manter os costumes e as tradições locais. Como por exemplo, a Festa do Peixe, com a participação de todas as peixarias da região, comercializando pratos típicos regionais do produto com preços reduzidos. O evento que já foi de grande porte, contava com exposição e venda do artesanato, que é um aliado das peixarias no segmento turístico, apresentações culturais (cururu e siriri) e shows de bandas locais, e várias palestras para discutir temas relacionados com a comunidade ribeirinha. Segundo os moradores essa ideia surgiu entre os próprios comerciantes das peixarias, inicialmente realizando sozinho o evento e com isto, propagando muito a gastronomia local, gerando emprego, renda e fomentando a economia. Contudo, segundo a própria comunidade, por questões econômicas aliadas a escassez do produto e outros fatores, o evento enfraqueceu bastante ultimamente (SEDTUR, 2019).

Os costumes, as tradições, a essência e o significado de um local, juntamente com a infraestrutura que dispõe, levam a hospitalidade a outras dimensões. O não planejamento no espaço da comunidade instiga a pensar na hospitalidade como consequência de práticas ambientais mais sustentáveis, e quando o desenvolvimento urbano não é acompanhado com investimentos na infraestrutura, a oferta dos serviços não complementa o crescimento da demanda (caso da comunidade em questão).

Desta forma, foi observado através da pesquisa empírica que no contexto geográfico temporal, São Gonçalo Beira Rio, introduz a hospitalidade como um ato de bem acolher o visitante por parte dos seus moradores (de uma forma geral), estabelecendo na questão propriamente dita, parâmetros que na atualidade nutrem o desejo de muitos habitantes aqui da nossa região, sendo, portanto, essa comunidade uma anfitriã que procura dar plena satisfação ao visitante, no contexto doméstico. Ou seja, encontramos em São Gonçalo uma hospitalidade ainda do tipo doméstica.

Segundo Lashley (2004), em sua explanação sobre os domínios na convivência humana, trata-se de uma hospitalidade doméstica, mas mesmo nesse âmbito, sofre as influências das diferentes culturas que vão se agregando, propiciando diversas formas nas suas práticas que estão intimamente ligadas ao contexto da hospitalidade no dia a dia da comunidade, o autor ainda afirma que, proporcionar abrigo e segurança ao hóspede é um longo capítulo das diferentes dimensões da hospitalidade.

Já a hospitalidade dos moradores com o turista/visitante, na visão dos Empresários, é considerada boa por todos, mas não excelente, por falta de pessoas bilíngues. Além disso, o exercício da temática é cheio de nuances, que exigem dinamismo de todos os envolvidos com a questão, mas enfatizam que a comunidade é consciente da importância do visitante para o

local, não sendo o jeito simples e o modo peculiar dos moradores, barreiras para o bom acolhimento.

Entretanto, na visão dos Empresários, existe discrepância em relação ao que consideram ser a representação da hospitalidade na comunidade. De acordo com o Empresário 1, é o Ambiente pelo significado e importância que tem, já na visão do Empresário 2, ele acredita que seja a Cultura, os Costumes e as Festas Religiosas, segundo o Empresário 3, é a História e a Culinária com as Peixarias e seus variados sabores, entretanto, o Empresário 4, pressupõe que seja o jeito simples e hospitaleiro da comunidade que atendem a todos sem distinção. E em relação ao acolhimento, todos os Empresários tem um entendimento direcionado para os mesmos objetivos, ou seja, nas diversas formas do bem receber: atenção, prática da empatia, carinho, aconchego, enfim, é tudo que envolve o calor humano.

3.2 Hospitalidade na visão dos(as) moradores(as) locais

Em relação à comunidade e os turistas e na busca por uma pesquisa com resultados mais consistentes relacionados com a prática da hospitalidade no local, fez-se necessário um estudo com alguns moradores locais. Foram realizadas 09 perguntas, sendo 06 abertas e 03 de múltipla escolha.

Segundo o Morador 1, são nítidos dentro do seu modo de expressar, o orgulho, a satisfação e a importância do turista para a comunidade, abordando os seus anseios em relação ao artesanato no turismo, mas deixa claro também a falta de apoio dos órgãos constituídos (Secretarias de Turismo de Estado e Município e outros órgãos relacionados com a atividade), para a concretização dos seus ideais, que beneficiaria todos, conforme relata: “[...] o turismo mudou muito São Gonçalo, mas quem compra bastante mesmo o nosso artesanato são os turistas que vem de fora que compra e leva. As nossas autoridades falam por ai, fica só a boca né? O poder público tem que Investir mais aqui. Isso pra nós seria muito interessante” (informação verbal)¹⁵.

Enaltece ainda o Morador 1 que a maior demanda do artesanato está ligada aos turistas de outros locais ou países, e estes, não têm quando aqui chegam à devida informação da atividade no local. Cita que melhorou muito após implantação da pavimentação asfáltica, e em relação às peixarias, enaltece a colaboração do Sr. Jorge Okamura na implantação da Rota

¹⁵ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

do Peixe com mais de vinte peixarias em pleno funcionamento, beneficiando toda a comunidade com a demanda existente. Diz também que ainda poderia ser maior, se tivessem melhor apoio, mas relata que é muito grato e satisfeito com as pessoas que visitam a comunidade (principalmente o turista estrangeiro quando adquire o artesanato) proporcionando-lhes uma boa acolhida, enfim, enfatiza que o turismo só trás benefícios.

O morador 2, disse que o turismo com uma boa acolhida é importante para a comunidade, pois movimenta o comércio dos produtos ofertados, e enfatiza que os moradores têm a cultura de serem hospitaleiros, acolhendo bem os visitantes, sendo os mesmos atraídos pelo artesanato. Afirma também que é interessante ser solidário com o turista, tratando-o bem para que volte novamente.

Quanto à participação da comunidade no planejamento do turismo no local, segundo o Morador 1, não são todos que atuam para ajudar, e justamente por isso, requer uma maior participação da comunidade junto a Associação dos Moradores, opinião compartilhada pelo Morador 2, que reafirma o pouco envolvimento dos residentes nos objetivos da coletividade.

Quanto a ser hospitaleiro, o Morador 1 frisa que recebe bem o turista/visitante, lhe informando sobre os fatos da história local, muito importantes para o contexto turístico, conforme relata:

Eu tenho que receber as pessoas bem, eu tenho de chegar e ir com eles conversar... dialogar ne? Assim contar a nossa história, eu acho que é importante quando as pessoas chegam lá e pergunta do nosso trabalho... da nossa comunidade e assim a gente vai contando a nossa história o que a gente tem aqui... então isso pra mim é muito bom... nossa história... isso para mim é muito importante contar a nossa historia (informação verbal)¹⁶.

E, segundo o Morador 2, o turista é sempre muito bem recebido na comunidade, pois faz parte do contexto de satisfação dos moradores.

Em relação aos atrativos do local, segundo o Morador 1, mesmo com as peixarias, o que mais atrai o turista é o artesanato, enaltecendo a necessidade de demonstrarem aos turistas as formas como os artefatos são feitos (tendo isto como um sonho a ser realizado, pois eles possuem essa curiosidade) e apresentações simultâneas dos grupos de danças para o visitante, frisando que, não foi o Grupo Flor Ribeirinha que fez São Gonçalo ficar tão conhecido, porque eles não tem uma associação para representá-los, [...], e lá na casa deles (Flor Ribeirinha), o Morador 1, diz não saber se fazem algum apresentação para o turista, enfatizando novamente que este é o seu sonho em relação a confecção do artesanato,

¹⁶ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

mostrando ao turista como é feito, deixando claro nas suas explicações um elevado grau de hospitalidade em relação ao visitante.

Já segundo o Morador 2, em relação aos atrativos, diz que é o bairro em si, por ser muito antigo e importante pelo significado. Já a avaliação da comunidade para com os turistas/visitantes, na opinião do Morador 1, é muito boa, procura receber bem e sente muito prazer quando as pessoas se interessam pelo artesanato. O Morador 2, também considera muito boa, reprisando que por ser um bairro muito antigo, a maioria das pessoas já o conhece.

Na opinião dos dois Moradores entrevistados, a maior representação de hospitalidade da comunidade é a cultura, a história do lugar, o siriri o cururu, (também o artesanato, segundo Morador 1). Em relação ao acolhimento, segundo o Morador 1, a comunidade tem que atender bem a todos, indistintamente, tratando com igualdade, independente de classes sociais, dizendo que todos gostam de serem bem recebidos e tratados com atenção, elencando que devem ser generosos com o visitante. Sobre esse assunto o Morador 2 destacou que a comunidade quando acolhe bem, ela é solidária, e isto leva o visitante a voltar novamente, falando bem do lugar e divulgando para os demais.

Com base nas observações do campo empírico, a cultura da hospitalidade em São Gonçalo Beira Rio engloba o seu espaço geográfico e todos os aspectos ligados direta e indiretamente dentro das suas práticas. São as diferentes formas de acolhimentos, influenciadas por questões histórico-culturais, naturais, econômicas e religiosas presente naquela comunidade, com o envolvimento pessoal dos moradores que buscam entender a dimensão da hospitalidade propriamente dita no aproveitamento dos seus atrativos, como também frisam a curiosidade e o interesse do turista/visitante em conhecer o local do atrativo natural (Rio Cuiabá), onde tudo começou.

Compreende-se então, que o profissional da hospitalidade não é só aquele que atua em um hotel ou restaurante, mas são todos que de uma alguma forma contribuem para o desenvolvimento da atividade turística no local.

3.3 Hospitalidade na visão dos turistas/visitantes

Nessa etapa, foram realizadas 09 perguntas, sendo 03 abertas e 06 de múltipla escolha. Para o turista/visitante em relação ao local, todos os entrevistados foram enfáticos ao afirmar que já o conhecem e visitam com frequência, e também foram unânimes nas opiniões sobre a relevância do turismo para a comunidade, afirmando que é muito importante, por ser um fator que gera emprego, renda e movimenta a economia. Da mesma forma, em se tratando de

hospitalidade, os entrevistados fizeram colocações semelhantes. De acordo com o Turista/visitante1, é a atenção, o carinho e o respeito que levam as pessoas a voltarem novamente. O Turista/visitante 2, cita que é tratar bem o próximo na medida do possível, e segundo o Turista/visitante 3, é receber bem as pessoas.

O que mais atrai o turista para a comunidade na visão dos entrevistados não foi muito diferente. De acordo com o Turista/visitante 1, é a Culinária, a História local além das Festas Religiosas, já segundo o Turista/visitante 2, é a Culinária com as Peixarias, e o Turista/visitante 3, reafirma também que a Culinária é o grande atrativo, portanto, na visão de todos a Culinária se sobressai como o maior atrativo do local.

Já a hospitalidade como item avaliado pelos entrevistados teve o seguinte conceito: de acordo com o Turista/visitante1, é muito boa porque o pessoal sempre o recebe bem, cita que a comunidade toda é hospitaleira, visão compartilhada também pelo Turista/visitante 2, ao dizer que não tem do que reclamar, “ambiente agradável acolhedor [...] maravilhoso” (informação verbal)¹⁷. Já o Turista/visitante 3 contrapõe dizendo que precisa melhorar em vários aspectos, principalmente na questão do estacionamento.

Com relação às boas ações de convivência com os moradores, todos tiveram opiniões semelhantes. O Turista/visitante1 cita que é a receptividade, segundo o Turista/visitante 2 é o modo simples dos moradores, o acolhimento e a busca da satisfação dos clientes nos produtos ofertados, e de acordo com o Turista/visitante 3 é o bom acolhimento. Segundo os entrevistados, essas são respostas que nutrem o entendimento feito quando foram questionados sobre o que é acolhimento em suas opiniões.

Em relação à infraestrutura de acesso todos os Entrevistados (comerciantes, turista/visitante e moradores), citaram que é boa, e no transporte público para chegar à comunidade, os turistas/visitantes, não opinaram enaltecendo que vieram de carro próprio. Quanto à acessibilidade para deficientes, foram unânimes dizendo que é péssima, ou inexistente. Já quanto as Peixarias todos frisaram que são muito boas. Quanto ao atendimento na Casa do Artesão, todos os turistas/visitantes citaram que ainda não a conhecem, criticaram com veemência a carência de sinalização turística ao longo do percurso, mas ressaltam também que o ambiente é tranquilo com bom nível de segurança.

¹⁷ Entrevista concedida a Hermes Costa em 25 de maio de 2019.

3.4 Hospitalidade em São Gonçalo Beira Rio: alguns apontamentos

Com base nas entrevistas realizadas e observação foi possível compreender que tanto os empresários quanto a comunidade e os turistas-visitantes, entendem a hospitalidade na Comunidade São Gonçalo Beira Rio como benéfica, dentro das suas características e enfatizam que a hospitalidade ali praticada gera renda, emprego, movimenta a economia local com benefício para a comunidade e satisfação para o turista/visitante, mas todos também deixam claro o pouco envolvimento do gerenciamento público nas questões pertinentes e relevantes.

Ainda de acordo com o estudo, mesmo com a carência de políticas públicas (que impulsionariam maiores demanda turística para o local) têm na oferta da gastronomia, do artesanato, além da importância do local, outros indicadores dentro da hospitalidade, tal como o bom acolhimento dos moradores, além dos festejos religiosos que impulsionam os setores elencados acima, apesar de algumas descaracterizações nos costumes e hábitos dos moradores locais, especialmente quando da chegada da televisão, e outros relacionamentos com novas culturas.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalidade é parte fundamental na integração das atividades turísticas e a interação de seres humanos em tempos e espaços geográficos, seja no campo ou na cidade. Sem ela, o segmento não se desenvolve, por ser um fator primordial nas exigências das pessoas em seus deslocamentos e vai muito além do simples “desejo de boas vindas da comunidade receptora”. É praticada em variadas dimensões, tal como em São Gonçalo Beira Rio que de acordo com os estudos realizados nas suas infraestruturas e necessidades, tem-se uma hospitalidade doméstica, sintetizada com a análise dos dados coletados e contatos obtidos com todos os envolvidos com suas práticas na localidade.

Cuiabá é uma cidade que tem se desenvolvido muito nas últimas décadas recebendo grande número de imigrantes de todas as regiões do país e também do exterior. Por ser muito acolhedora, muitas dessas pessoas aqui se enraízam e desconhecem todos esses fatos mencionados em relação à Comunidade São Gonçalo Beira Rio, portanto, esse trabalho visa, além de outras razões citadas, dar prosseguimento junto com outros estudos já realizados e

levar ao conhecimento desses povos, a importância dos acontecimentos e das tradições dessa comunidade que faz parte da nova cidade que adotaram para viver.

Enfim, tratou-se de um trabalho de pesquisa numa comunidade com o interesse de entender a temática do acolhimento no local, pressupondo auxiliá-los com possíveis melhorias nas questões relacionadas aos seus interesses e presume-se que tais assertivas juntamente com todos os envolvidos com a questão, tenham junto aos órgãos públicos pertinentes, argumentos convincentes, ajudando a comunidade nas suas reivindicações, que apesar de alguns problemas estruturais e de prestação de serviços que ainda precisam serem resolvidos no local, São Gonçalo Beira Rio já é uma comunidade consolidada pela sua tradição de ser hospitaleira.

5.0 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana. **Do sapear Baile ao Sapear Televisão**. Cuiabá, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. **Evangelho de Lucas, cap. 03. Ver. 4 a 7**. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica, 1987.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. Ed. SENAC, 2001.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível** – Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

BURK, P. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.

BELCHIOR, E. O.; POYARES, R. **Pioneiros da hotelaria no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: SENAC, 1987.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade: a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CLAVAL, Paul. Introdução; **Gênese e evolução das interpretações culturais na geografia**. In: CLAVAL, Paul. Geografia Cultural. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CHON, K.-S.; SPARROWE, R. T. **Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira, 2003. p. 85.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Turismo, hotelaria e Hospitalidade**. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). Hospitalidade: Reflexões, Perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

CASTELLI, Geraldo. **Administração hoteleira**. 9. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. (Coleção Hotelaria).

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Várzea Grande, Fundação Júlio Campos, 1994.

FLANDRIN, J. **História da Alimentação**. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. 1998

GRINOVER, Lucio. **Hospitalidade: um tema ser reestudado e pesquisado**. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). Hospitalidade: Reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

GUY, Rocher. **Sociologia Geral 2**, Ed. Proença, Lisboa, 1971, pp168:169.

GEHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GAZETA MUNICIPAL DE CUIABÁ, 18/12/1995, p. 03.

GRANDO, Beleni S. **Cultura e Dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2002. 92 p. GUIA TURÍSTICO DE MATO GROSSO: ECOLÓGICO, HISTÓRICO E CULTURAL. São Paulo: Empresas das Artes, 240 p.

IANINE, O. **Enigmas da modernidade – mundo**. Rio de Janeiro, 2000.

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. **As vidas do Ribeirinho**. Tese de Mestrado. UFMT. Cuiabá, 1997

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

LACERDA, Leila Borges de: **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: Um Olhar Sobre a Demolição**. KCM, 2005.

LEITE, J. da C. **O Brasil e a imigração portuguesa** (1855 – 1914). In: FAUSTO, B. (Org.) Fazer a América. São Paulo: Edusp, 1999.

MAFFESOLI, M. **A mesa: espaço de comunicação**. In: DIAS, C (Org.). Hospitalidade: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MESQUITA, José de. **A Chapada Cuiabana**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.

MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade. 1998.

MOESCH, Marutschka Martine. In GASTAL, Suzana (org.) Turismo: propostas para um saber fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Martini: In GASTAL Suzana (org.). **Turismo: Propostas para um saber fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MENDES, Marcos Amaral. **História e Geografia de Mato Grosso**. 3. Ed. Cuiabá: Cafarnaum, 2009.

PAULA, N. M. de. **Introdução ao conceito de hospitalidade em serviço de alimentação**. São Paulo: Manole, 2002.

PEYER, H. C. **Os primórdios da hotelaria na Europa**. In: FANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. et al. **História da alimentação**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Educação Ambiental – Cultura Popular**. (Monografia de especialização). Cuiabá: UFMT, 1994.

REJOWSKI, Mirian (org.). **Turismo Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

STRONG, R. **Banquete: Uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura a mesa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SEYDOUX, J. **De hospitalidade à hospitalidade**. Denges: Delta & Spes, 1983.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. **Ata da Fundação de Cuiabá – uma análise crítica**, Ed. IHG/MT, 1995.

ZAMIGNAN, G., SAMPAIO, C. A. C. **Fortalecimento da conservação de modos de vidas tradicionais**. Morretes (PR). In: II Congresso Internacional Ciências, Tecnologia e Culturas, 2010.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA - EMPRESÁRIOS/COMERCIANTES

- 1) Há quanto tempo e em que área atua profissionalmente no turismo?
- 2) Quais os benefícios da atividade turística para São Gonçalo Beira Rio e quais os pontos negativos da atividade na comunidade?
- 3) Qual a participação da comunidade no planejamento turístico local?
- 4) Como se dá o relacionamento entre a comunidade e os turistas?
- 5) O que é ser hospiteiro para você?
- 6) Como costuma receber o turista? Preocupa-se com a cordialidade e acolhimento? Explique.
- 7) Em sua opinião o que mais atrai o turista para a comunidade?
☐ Culinária/Peixarias ☐ História e Cultura Local ☐ Artesanato ☐ Festas Religiosas
☐ Receptividade e acolhimento ☐ Outro _____
- 8) Como avalia a hospitalidade da comunidade para com os turistas e visitantes?
☐ Excelente ☐ Muito boa ☐ Boa ☐ Ruim ☐ Péssima
 Por quê? _____
- 9) O que considera ser a maior representação de hospitalidade na comunidade?
- 10) O que é acolhimento em seu entendimento?
☐ Empatia ☐ Generosidade ☐ Comunicação ☐ Atenção ☐ Solidariedade
 Por quê? _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMUNIDADE LOCAL

- 1) Há quanto tempo reside na comunidade?
- 2) Quais os benefícios da atividade turística para São Gonçalo Beira Rio e quais os pontos negativos da atividade na comunidade?
- 3) Qual a participação da comunidade no planejamento turístico local?
- 4) Como se dá o relacionamento entre a comunidade e os turistas?
- 5) O que é ser hospiteiro para você?
- 6) Em sua opinião o que mais atrai o turista para a comunidade?
☐ Culinária/Peixarias ☐ História e Cultura Local ☐ Artesanato ☐ Festas Religiosas
☐ Receptividade e acolhimento ☐ Outro _____

- 7) Como avalia a hospitalidade da comunidade para com os turistas e visitantes?
☐ Excelente ☐ Muito boa ☐ Boa ☐ Ruim ☐ Péssima
 Por quê? _____
- 8) O que considera ser a maior representação de hospitalidade na comunidade?
- 9) O que é acolhimento em seu entendimento?
☐ Empatia ☐ Generosidade ☐ Comunicação ☐ Atenção ☐ Solidariedade
 Por quê? _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA – TURISTAS/VISITANTES

- 1) Já conhecia São Gonçalo Beira Rio?
☐ Sim ☐ Não
 Se sim, com que frequência visita a comunidade? _____
- 2) Em sua opinião, o turismo é importante para a comunidade?
☐ Sim ☐ Não Por que? _____
- 3) O que é ser hospitaleiro para você? _____
- 4) Em sua opinião o que mais atrai o turista para a comunidade?
☐ Culinária/Peixarias ☐ História e Cultura Local ☐ Artesanato ☐ Festas Religiosas
☐ Receptividade e acolhimento ☐ Outro _____
- 5) Como avalia a hospitalidade da comunidade para com os turistas e visitantes?
☐ Excelente ☐ Muito boa ☐ Boa ☐ Ruim ☐ Péssima
 Por quê? _____
- 6) O que considera ser a maior representação de hospitalidade na comunidade?
- 7) Em sua opinião quais ações são importantes para a boa convivência com o morador local?
- 8) O que é acolhimento em seu entendimento?
☐ Empatia ☐ Generosidade ☐ Comunicação ☐ Atenção ☐ Solidariedade
 Por quê? _____

9) Avalie os itens abaixo:

Acesso a São Gonçalo	() Excelente	() Muito bom	() Bom	() Ruim	() Péssimo
Pavimentação da área urbana	() Excelente	() Muito boa	() Boa	() Ruim	() Péssima
Transporte urbano para chegar a comunidade	() Excelente	() Muito bom	() Bom	() Ruim	() Péssimo
Acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida aos espaços de alimentação/artesanato	() Excelente	() Muito boa	() Boa	() Ruim	() Péssima
Atendimento nas peixarias	() Excelente	() Muito bom	() Bom	() Ruim	() Péssimo
Atendimento na Associação dos Artesãos	() Excelente	() Muito bom	() Bom	() Ruim	() Péssimo
Sinalização Turística	() Excelente	() Muito boa	() Boa	() Ruim	() Péssima
Segurança	() Excelente	() Muito boa	() Boa	() Ruim	() Péssima